

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS VIKINGS

Johnni Langer¹

ANÔNIMO. *La saga de Fridthjóf el valiente y otras sagas islandesas*. Tradução de Santiago Ibañez Lluch. Madrid: Miraguano, 2009, 365 p.

Desde o momento em que foram amplamente divulgadas durante o século XIX, as sagas islandesas² constituem um material imprescindível para o estudo da história dos povos escandinavos durante a Era Viking. Mas, por isso mesmo, são motivos de intenso debate pelos especialistas: até que ponto esse material literário, composto entre os séculos XIII e XIV, pode ser utilizado para a pesquisa de sociedades que viveram entre os séculos IX e XI? Tradicionalmente, as sagas islandesas eram vistas como o registro por escrito de tradições advindas de uma memória social, conservada fidedignamente pela tradição oral – mas para os historiadores, o subgrupo das sagas de família tinha maior interesse, devido às suas características de possuírem um estilo mais “realista”, em contraposição as chamadas sagas lendárias, de conotações mais fantásticas.

A polêmica intensificou-se, e hoje não se contrapõe mais o oral com o escrito (ambas existiram paralelamente e com mútua dependência) e qualquer tipo de saga possui reflexos sociais e interesse histórico, independente de seu estilo literário. Um dos tipos de sagas islandesas que vem sofrendo maior reavaliação por parte dos acadêmicos são as *fornaldarsögur* (sagas lendárias). Estas narrativas descrevem aventuras fantásticas ocorridas na época dos vikings (século IX ao XI), tendo como base material nativo e folclórico, mas também com muitas influências externas (romances de cavalaria, material céltico, árabe, persa, bizantino)³, com o objetivo básico de entreter a aristocracia islandesa do século XIII⁴. Mesmo não tendo um valor histórico como as sagas de famílias, as narrativas lendárias estão sendo utilizadas como fontes para o estudo da literatura, da ideologia, monarquia, valores éticos e morais, gênero, entre outros, tanto do período em que foram compostas quanto da época que retratam.

Assim, o lançamento de *La saga de Fridthjóf el valiente y otras sagas islandesas*, com tradução de Santiago Ibañez Lluch, é uma ótima oportunidade para os interessados no estudo das sagas do sub grupo lendário e as polêmicas envolvendo a construção de representações da história dos vikings ou de sua conservação pela

¹ Pós-Doutor em História Medieval pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do NEVE - Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (<http://groups.google.com.br/group/scandia/>) e membro do Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos (<http://www.brathair.com/>). E-mail: <johnnilanger@yahoo.com.br>.

² Para um panorama genérico e metodológico das sagas, consultar: LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. *Aletheia*, v. 2, n. 1, 2009, p. 1-18. Disponível em: <<http://www.revistaaletheia.com/>>.

³ LLUCH, Santiago Ibañez. Características generales de las sagas de los tiempos antiguos. Suplemento do livro *Sagas islandesas de los tiempos antiguos*. Madrid: Miraguano Ediciones, 2007, p. II-XV.

⁴ TULINIUS, Torfi. Sagas of Icelandic Prehistory (*fornaldarsögur*). In: MCTURK, Rory (ed.). *Old Norse Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, 2007, p. 447-461.

memória social⁵.

A primeira e mais famosa⁶ das sagas traduzidas na obra é *Friðbjófs saga hins frœkna*, a saga de Frithiof, composta no século XIII⁷. Ela narra episódios envolvendo diversos personagens ficcionais: Helgi, Hafdan e Ingeborg, filhos do rei Beli; Frithiof, filho do rei Thorstein. Com a morte destes dois reis, os filhos de Beli assumem o governo real, negando que Frithiof se case com Ingeborg. Helgi e Hafdan levam a sua irmã para o templo de Balder, onde nenhuma pessoa poderia ter qualquer tipo de relação sexual – um interdito que é quebrado por Ingeborg e Frithiof. Furiosos, os reis casam sua irmã com o monarca Ring, obrigando Frithiof a se desterrar e viver como um foragido. Posteriormente, Ring morre e o herói assume o governo do seu reino, declarando guerra aos irmãos Helgi e Hafdan e casando com Ingeborg⁸.

A época em que a trama se desenrola, *fornöld* (idade antiga), remete aos tempos vikings. Mas ao contrário de outras sagas lendárias, como a *Saga dos volsungos* ou a de Ragnar que se ocupam de heróis relacionados com o repertório épico germânico, a saga de Frithiof aproxima-se muito mais de uma influência novelesca, da cavalaria romântica produzida na Europa continental. O herói desafia as normas da sociedade e a autoridade real, em nome de um relacionamento proibido, o que leva a se pensar numa influência da narrativa francesa de *Tristão e Isolda*, conhecida na Escandinávia após 1226⁹.

Muitas questões podem ser levantadas a partir do texto de Frithiof e das outras seis sagas inseridas na obra. A primeira se refere ao debate sobre as influências da sociedade islandesa contemporânea ao momento de composição destes materiais, portanto, a criação de referenciais ideológicos sobre o passado viking. Neste caso, os temas religiosos são bem destacados. O paganismo retratado tem correspondência

⁵ Relação das sagas islandesas traduzidas para essa edição: *Saga de Fridthjóf el valiente* (p. 85-142); *Saga de Hjálmtér y Ólvir* (p. 143-222); *Saga de Ketil Salmón* (p. 223-258); *Saga de Grím Mejillas Peludas* (p. 259-276); *Relato de Gest de las nornas* (p. 277-320); *Relato de Thorstein grande como una granja* (p. 321-352); *Relato de Helgi Thórisson* (p. 353-361). Esta última narrativa recebeu uma tradução completa do inglês para o português, bem como uma brilhante análise, integrante da obra de CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, sentido, história*. São Paulo: Papyrus, 2005, pp. 67-83.

⁶ A *Saga de Fridthjóf* foi muito popular no romantismo setecentista e oitocentista, recebendo diversas adaptações. Em 1737 a saga islandesa original foi traduzida para o sueco, e em 1825 a narrativa recebeu uma versão poética, realizada por Esaias Tegner, *Frithiof saga*. O músico Max Bruch compôs a cantata *Frithjof* em 1864, e o dinamarquês Johan Wagernaar criou a peça para orquestra *Fritjof's Meeresfahrt*, *opus 5*. Também a narrativa islandesa influenciou a criação de uma ópera, *Frithjof*, de 1895. Os pintores românticos, do mesmo modo, tiveram muito interesse pela saga, como nas várias versões de *O lamento de Ingeborg*, de August Malström (1888), de Boehmer (1846), e de Fredrik Nicolai Jensen (1830).

⁷ A versão manuscrita utilizada pelo autor para a tradução é a B, mais tardia e mais longa que as conhecidas como A1 e A2. LLUCH, Santiago Ibañez. Introducción. *La saga de Fridthjóf el valiente y otras sagas islandesas*. Madrid: Miraguano, 2009, p. 8.

⁸ Uma das mais famosas representações plásticas da saga foi a pintura *Frithiof e Ingeborg*, de August Malström, 1840, que possui um anacronismo: os personagens casam no templo de Balder, mas que segundo a narrativa original, havia sido destruído por Frithiof antes do rei Ring morrer, e consequentemente, este casar com Ingeborg. Para um estudo destas representações românticas, consultar: MJÖBERG, Jöran. Romanticism and revival. In: WILSON, David (Ed.). *The Northern World: the history and heritage of Northern Europe*. New York: Harry N. Abrams, 1980, pp. 207-238.

⁹ LLUCH, Santiago Ibañez. Introducción. *La saga de Fridthjóf el valiente y otras sagas islandesas*. Madrid: Miraguano, 2009, p. 16.

com o que realmente era efetuado na Escandinávia da Era Viking, mas assume um papel mais caricato, superficial e muitas vezes anacrônico nas sagas islandesas¹⁰.

O santuário do deus Balder, por exemplo, que nas primeiras linhas da *saga de Frithiof* já ocupa um lugar central na narrativa, é fantasioso: seria uma grande construção com um cercado de madeira em torno, repleto de estatuetas e proibido a toda forma de relacionamento sexual. Na realidade, os vikings não possuíam construções especializadas para fins religiosos, servindo a casa do rei ou das lideranças circunstancialmente para eventuais festivais e comemorações religiosas¹¹. Com isso, o contexto sacro e proibido da área serve apenas para contextualizar as atitudes do herói Frithiof: primeiro, ele desafia os deuses, relacionando-se com Ingeborg no local; depois, queima o templo. Atitudes típicas de um nobre pagão¹²: no momento da composição da saga, a audiência necessitava da criação de uma ligação com os tempos pagãos (a Era Viking) – afinal, eles representavam um momento de liberdade política, social e cultural que não podiam ser descartadas simplesmente (a Islândia foi anexada à Noruega em 1262) - mas ao mesmo tempo, não se poderia criar elementos totalmente positivos para uma religiosidade não-cristã.

Deste modo, alguns reis, líderes, guerreiros e fazendeiros importantes da Era Viking, se tornam na narrativa das sagas, pagãos que não se preocupam com o paganismo, ou em outras, palavras, adeptos de um credo que está para ser extinto com o tempo. O seu comportamento “desleixado” com relação à religiosidade pré-cristã é ao mesmo tempo, um clichê literário e um anacronismo histórico. Um exemplo semelhante ao de Frithiof ocorre em outra saga islandesa da edição de Santiago Lluç: o herói Ketil, que afirma nunca ter feito sacrifícios para Odin, porque não acreditava nesta divindade (*La saga de Ketil Salmón*, p. 255).

Outro tema recorrente, a magia, envolve mais reinterpretações por parte dos autores das sagas. Na *Saga de Fridthjóf el valiente* (p. 102), duas feiticeiras chamadas Heid e Hamgláma realizam encantamentos para que o navio do herói afunde no mar. Do mesmo modo, no *Relato de Gest de las normas* (p. 295), os filhos de Hunding tentam afundar o navio de Sigurd enviando uma grande tempestade por meios mágicos. Também objetos com poderes sobrenaturais são citados, como cajados e luvas, que auxiliam Thorstein a descer aos mundos subterrâneos (*Relato de Thorstein grande como uma granja*, p. 323). Apesar de existir nos tempos vikings, relacionada tanto a questões de auxílio cotidiano como de malefícios e contendas

¹⁰ Mas existem menções à religiosidade pré-cristã de forma mais neutra e realista nas sagas lendárias: as descrições do uso de montes funerários como assentos régios (*Saga de Fridthjóf el valiente*, p. 92); as festas sacrificiais promovidas pelos reis em honra às *dísir* (*Saga de Fridthjóf el valiente*, p. 121); sacrifícios dos camponeses para terem boas colheitas nas comunidades rurais (*La saga de Ketil Salmón*, p. 251); uma festa da realeza comemorando com cornos de bebidas em honra aos deuses Thor e Odin (*Relato de Thorstein grande como uma granja*, p. 343). Sobre aspectos da religiosidade dos vikings, ver: LANGER, Johnni. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. *Brathair*, v. 5, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.brathair.com/>>.

¹¹ LANGER, Religião e magia..., p. 61.

¹² Trata-se de um recurso narrativo, criado pelo escritor da saga, antecipando o triunfo dos seguidores de Cristo, num futuro já conhecido, mas inexistente no momento em que os fatos ocorrem. É a famosa imagem do nobre pagão, teorizada pelo escandinavista Lars Lönnroth (O estudo foi publicado inicialmente na conceituada revista *Scandinavian Studies* n. 41, 1969, The noble heathen: a theme in the sagas).

sociais, a magia nas sagas lendárias surge como um empecilho à trajetória da principal personagem, transformando-se em um clichê literário. Mas também, a antiga noção de encantamento das religiosidades pré-cristãs transforma-se em feitiçaria, dentro de um contexto cristão, não necessariamente diabólica, mas maléfica (a noção de feitiçaria diabólica, a bruxaria, penetra na Escandinávia somente depois do século XIV)¹³.

Outros temas mágicos, como as metamorfoses animais, possuem mais funções de entretenimento e suspense do que caráter negativo: o rei Helgi transforma-se em uma baleia para combater o protagonista (*Saga de Fridthjóf el valiente*, p. 111), da mesma forma que o rei Hundling (*La saga de Hjálmrthér y Ölvir*, p. 209) e o cetáceo avistado por Ketil (*La saga de Ketil Salmón*, p. 232). O clichê literário, evidentemente, diverte as plateias das comunidades que ouviam a narração das sagas, concomitantemente entre a tradição oral e escrita na Islândia medieval¹⁴. Mas, voltando ao tema inicial de nossas reflexões: até que ponto essa memória social preservou a história e a cultura dos vikings?

Mesmo que muitos temas, fatos, personagens e narrativas tenham sido preservadas desde os tempos pagãos, essencialmente por meio dos escaldos – os poetas especializados na memória – elas possuíam muitas versões devido à característica essencial da oralidade, que nunca conserva as informações de forma idêntica, sofrendo variações conforme a região e a época. Ao passar do oral para o escrito (com a introdução da escrita latina), também houve transformações¹⁵ da memória coletiva da Islândia, agora regida por novos valores religiosos, ideológicos, políticos e sociais. Cabe aos historiadores discutirem como foram essas mudanças e como obter informações para o estudo da Era Viking¹⁶. Um bom tema para essas discussões diz respeito aos berserkers¹⁷.

Espécie de grupo de elite marcial, relacionado nas fontes ao deus Odin e

¹³ Sobre o tema, verificar: LANGER, Johnni. Seiðr e magia na Escandinávia Medieval: reflexões sobre o episódio de Þorbjörg na Eiríks saga rauða. *Signum*, v. 11, n. 1, 2010, p. 177-202. Disponível em: <<http://www.revistasignum.com/>>.

¹⁴ Vários temas presentes nas sagas lendárias provém de material não escandinavo, especialmente da literatura francesa e já com muitos elementos cristãos: o motivo do dragão voando e soltando fogo, por exemplo (*La Saga de Ketil Salmón*, p. 226), não tem origem na tradição germânica, que concebia os dragões como serpentes gigantes, sem pernas, asas ou fogo – estes dois últimos aspectos um acréscimo devido ao imaginário do diabo e do inferno, após o século X. Sobre o assunto, consultar: LANGER, Johnni. O mito do dragão na Escandinávia (parte três: as sagas e o sistema nibelungiano). *Brathair*, v. 7, n. 2, 2007, p. 106-141. Disponível em: <<http://www.brathair.com/>>.

¹⁵ “Com a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva e mais particularmente a memória artificial é profundamente transformada (...) Enquanto que a memória social popular ou antes folclórica nos escapa quase inteiramente, a memória coletiva formada por diferentes estratos sociais sofre na idade Média profundas transformações”. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 435, 442. “Memórias longas se constituem por armazenamento de lembranças individuais; a continuidade é assegurada ao preço de uma multiplicidade de afastamentos parciais”. ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 140.

¹⁶ Sobre a oralidade na Escandinávia Medieval, consultar: SIGURÐSSON, Gísli. *The medieval icelandic saga and oral tradition: a discourse on method*. London: Harvard University Press, 2004, especialmente a introdução teórico-metodológica (Written texts and oral traditions, p. 1-52).

¹⁷ Sobre os berserks, consultar: LANGER, Johnni. *Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora da UnB, 2009, p. 38-39.

conectado à guarda real e com participação especial em batalhas¹⁸ (na qual passavam por um estado de frenesi incontável), os berserkers parecem ter uma conotação positiva nas fontes escritas mais antigas, e com o tempo, tornam-se figuras mal vistas, especialmente nas sagas lendárias: “*hombres malvados y pendencieros. Experimentaban con frecuencia el furor del berserkr*” (*Saga de Fridthjóf el valiente*, p. 116); “*llamó a sus hombres, berserkir y negros*” (*La saga de Hjálmtér y Ólvir*, p. 161); “*Era um hechicero y el hierro no le mordía*” (*La saga de Ketil Salmón*, p. 249); “*doce infames berserkir*” (*Saga de Grím mejillas peludas*, p. 272).

Afinal, qual a verdadeira faceta dos berserkers nos tempos vikings: eram temidos pelos camponeses e esse pavor foi conservado pelas sagas?¹⁹ Ou sua ligação fanática por Odin mereceu seu caráter especialmente negativo pelos escritores após a cristianização, imputando um caráter de campeões do paganismo que necessitam serem vencidos pelos heróis das narrativas? São questões que requer mais compreensão das fontes medievais, e os debates sobre história e memória podem auxiliar neste sentido.

A recente edição de Santiago Lluç possui uma excelente introdução analítica, com descrição detalhada dos manuscritos e o conteúdo temático das sete narrativas traduzidas. Além disso, possui um ótimo suplemento, introduzindo o leitor a respeito dos manuscritos islandeses do medievo. A tradução das narrativas do islandês antigo para o espanhol é excepcional, com um texto fluente e agradável, mas sem perder o rigor acadêmico. A obra também foi enriquecida por centenas de notas, contextualizando os termos linguísticos originais, além de conceder muitas informações acompanhadas de referências bibliográficas especializadas.

O livro *La saga de Fridthjóf el valiente y otras sagas islandesas*, desta maneira, colabora para manter a excelente tradição escandinavística em língua espanhola²⁰, muito mais consolidada que a portuguesa²¹. Esperamos que no futuro, surjam novos

¹⁸ Na temática da guerra, surgem alguns anacronismos com equipamentos bélicos: a maça com espinhos longos é descrita na *Saga de Hjálmtér y Ólvir* (p. 198) e *La saga de Ketil Salmón* (p. 227). Este tipo de arma era comum no período em que estas duas sagas foram escritas, século XIII, mas desconhecidas na Era Viking. Sobre o tema verificar: LANGER, Johnni. Guerra ao modo viking. *Brathair*, v. 8, n. 2, 2008, p. 85-93. Disponível em: <<http://www.brathair.com/>>.

¹⁹ Essa hipótese é uma das mais interessantes. Em muitas sagas, mesmo em comunidades ainda pagãs, os camponeses temem os berserkers (como na *Brennu-Njáls saga* 103). Na obra que estamos resenhando, encontramos a referência de que o herói Frithiof enfrenta berserkers malvados, e o próprio rei Helgi mudava de aspecto (talvez numa referência à metamorfose destes guerreiros). Em um determinado momento, afirma-se que Frithiof: “*mataba facinerosos y vikingos sanguinários, pero dejaba em paz a los campesinos y a los comerciantes*” (*Saga de Fridthjóf el valiente*, p. 127).

²⁰ Algumas das sagas islandesas traduzidas para o espanhol: *Saga de Egil El manco*; *Saga de Gautrek*; *Saga de Ásmund*; *Saga de Án*; *Saga de Hervör*; *Saga de los feroeses*; *Saga de Egil skallagrimson*; *Saga de Kormak*; *Saga de Gisli Sursson*; *Saga de los habitantes de Eyr*; *Saga de Nial*; *Saga de los Ynglingos*; *Saga de Hranfkel*; *Saga de Gunnlaug*; *Saga de Thorstein*; *Saga de Gisli Illugason*; *Saga de Odd Ofeigsson*; *história de Audun*; *Saga de las islas Orcadas*; *Saga de Bósi*; *Saga de los Volsungos*; *Saga de Ragnar calzas peludas*; *Saga de Hrólf kraki*; *Saga de Odd Flechas*.

²¹ Em português, até o presente momento, temos a tradução das duas sagas do Atlântico Norte, a *saga de Hranfkel (Três sagas islandesas*, Curitiba: editora da UFPR, 2007) e a *saga dos Volsungos* (São Paulo: Hedra, 2009), todas com tradução direta do islandês antigo por Théo Borba Moosburger. As duas sagas groelandesas tiveram uma tradução anterior, do inglês para o português: *A saga de Erik*, tradução de Heloisa Prieto. São Paulo: Paulicéia, 1992. *A Grettis saga* foi traduzida e adaptada do inglês por Adonias Filho, *Gretir, o forte*. São Paulo: Ediouro, 1973. Esta última obra é muito precária.

tradutores e pesquisadores que incrementem as publicações no Brasil, contribuindo para os estudos desta importante área do medievalismo.

